

## Moda absurda ou Renascimento Profissional: Pós-modernismo e a Prática de Arquivo\*

**Terry Cook**

terry.cook@sympatico.ca

University of Manitoba, Canada.

---

**Resumo:** As ideias pós-modernistas têm sido rejeitadas como moda absurda demonstrando a arrogante incompreensibilidade acadêmica e, da mesma forma, têm sido aclamadas como conceitos libertadores que livram muitas disciplinas de desgastadas limitações tradicionais. Este artigo explora a relevância do pensamento pós-moderno para a prática arquivística. Pensadores pós-modernos têm discutido por várias décadas sobre temas próximos das preocupações dos Arquivistas, e mais recentemente começaram a abordar diretamente “o arquivo” como registro, instituição e função. Este artigo olha os pontos fortes e fracos da análise pós-moderna, ensaia algumas definições de pós-modernismo num contexto arquivístico, e sugere como as percepções pós-modernas podem mudar a prática diária dos arquivistas, pois estes trabalham (e vivem) inevitavelmente em condições de pós-modernidade. O principal foco de tais mudanças centra-se numa maior transparência e responsabilidade dos Arquivistas para a própria função arquivística e uma consciência maior da diversidade, ambiguidade, múltiplas identidades dos criadores de registros, sistemas de informação e usuários de arquivos.

---

\* *Este ensaio nasceu de um discurso proferido na Associação Canadense de Arquivistas em Winnipeg no dia 8 de Junho de 2001. Dois outros discursos na plenária da conferência também consideraram aspectos do pós-modernismo/desconstrução e o arquivo; estes discursos foram proferidos por Verne Harris e Heather MacNeil e apareceram revistos nesta edição de Archivaria (todos eles foram proferidos independentemente um dos outros). Meu próprio ensaio sofreu significativas revisões desde Winnipeg, embora ele mantenha intencionalmente seu tom geral de ensaio mais do que uma análise de pesquisa. Pelos seus comentários muito úteis, com um prazo muito apertado, que melhoraram muito esta versão do ensaio, eu quero agradecer a Sharon Cook, da Universidade de Ottawa; Verne Harris, da Universidade de Witwatersrand e o Arquivo Histórico da África do Sul; e a Joan Schwartz, do Arquivo Nacional do Canadá, assim como a dois revisores anônimos da Archivaria. Este artigo foi concebido para complementar o meu “Arquivologia e Pós-modernismo: Novas Formulações para Velhos Conceitos” (Archival Science: International Journal on Recorded Information 1, no. 1 (2001), pp. 3–24), o qual analisa o impacto das ideias pós-modernistas na teoria arquivista; o presente artigo foca mais nas condições sociais do pós-modernismo e como as percepções pós-modernistas podem melhorar a prática arquivística e as estratégias profissionais.*

## **Fashionable Nonsense or Professional Rebirth: Postmodernism and the Practice of Archives**

**Abstract:** Postmodern ideas have been dismissed as fashionable nonsense demonstrating academia's arrogant incomprehensibility and equally acclaimed as liberating concepts freeing many disciplines from worn-out traditional constraints. This article explores the relevance of postmodern thinking for archival practice. Postmodern thinkers have discussed for several decades topics close to archivists' concerns, and more recently begun to address directly "the archive" itself as record, institution, and function. This essay looks at the weaknesses and strengths of postmodern analysis, assays some definitions of postmodernism in an archival context, and suggests how postmodern insights might change archivists' daily practice as they work (and live) inescapably in conditions of postmodernity. The principal focus of such changes centres around much greater transparency and accountability by archivists for the archival function itself and much greater awareness of the diversity, ambiguity, and multiple identities of records creators, information systems, and archives users.

**Résumé:** Les idées post-modernes ont été rejetées comme des absurdités à la mode démontrant l'arrogance incompréhensible des universitaires, mais aussi acclamées comme des concepts libérateurs permettant d'affranchir plusieurs disciplines de contraintes traditionnelles usées. Cet article explore la pertinence de la pensée postmoderne pour la pratique archivistique. Les penseurs post-modernes ont discuté depuis plusieurs décades de sujets proches des préoccupations archivistiques et, plus récemment, ont commencé à aborder directement le concept des "archives" en tant que documents, institutions et fonctions. L'auteur examine dans ce texte les faiblesses et les forces de l'analyse post-moderne, expérimente quelques définitions du postmodernisme dans le contexte archivistique et propose des façons dont les idées postmodernes pourraient changer la pratique quotidienne des archivistes qui travaillent (et vivent) inévitablement dans les conditions de la post-modernité. Les changements proposés se concentrent autour d'une plus grande transparence et responsabilisation des archivistes dans le cadre de leurs fonctions archivistiques ainsi que d'une plus grande sensibilisation de la diversité, l'ambigüité et aux identités multiples des créateurs de documents, des systèmes d'information et des utilisateurs.

Os conceitos pós-modernos oferecem possibilidades para enriquecer a prática arquivística. Acadêmicos de uma vasta gama de disciplinas estão revendo as autorias, mídia, representação, comportamento organizacional, memória coletiva e individual, instituições culturais, história e, mais recentemente, os próprios arquivos como instituições, atividades e registros. O Pós-modernismo está, portanto, resolvendo quase tudo o que um arquivista pensa e toca e, como resultado, deve chamar a atenção de todos os arquivistas. Enquanto o Pós-modernismo é difícil de definir e cheio de controvérsia, seria uma irresponsabilidade não se engajar com ideias que estão afetando fundamentalmente à sociedade, à percepção da sociedade e ao uso do arquivo<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Para a indisposição geral dos arquivistas em avaliar criticamente o impacto das ideias pós-modernas nos conceitos e práticas da sua profissão, ver Brien Brothman, “*Declining Derrida: Integrity, Tensegrity, and the Preservation of Archives from Deconstruction*,” *Archivaria* 48 (Outono de 1999), pp. 64–88. Um revisor anônimo deste manuscrito sugeriu que a relutância da profissão no que diz respeito a isto é reminiscência dos anos perdidos em não se envolver seriamente com o impacto dos registros eletrônicos para arquivos. Registros eletrônicos são convincentes, ainda que muito poucos arquivos (ou nenhum) tenham bem desenvolvido programas para lidar com eles além do estágio experimental. O ciber-cavalo está fora do celeiro, por assim dizer, e com ele a perda de muitos registros de arquivo. Pós-modernismo é igualmente penetrante, como será sugerido mais

Este ensaio procura definir seis coisas na seguinte ordem: primeiro delinear o que os críticos estão dizendo contra o pós-modernismo; depois sugerir o porquê do pós-modernismo ser importante para os arquivistas; esboçar a forma como o mundo evoluiu para as condições da pós-modernidade e como estas incidem nos arquivistas; explicar os conceitos chave do pós-modernismo; revisar brevemente o que os pós-modernistas estão dizendo sobre arquivos e registros; e concluir sugerindo algumas implicações práticas que podem tornar a experiência de arquivamento mais rica para arquivistas e seus clientes.

Apesar da sua popularidade atual, é fácil zombar do pós-modernismo como um esforço acadêmico utópico e autoindulgente, irrelevante para o arquivamento, ou para outra prática qualquer. O primeiro alvo é sempre o relativismo do pós-modernismo. Se pós-modernistas dizem que tudo é relativo, que cada sentido esconde um significado dentro de um ciclo infinito de desconstrução, de que nada pode ser conhecido com certeza absoluta, que palavras e imagens (“texto”) são a única realidade, então por que os arquivistas não podem julgá-lo o próprio como

tarde neste ensaio. O paralelo é instrutivo e perturbador.

apenas mais um relativismo – como falso, instável e relativo como tudo o que critica? Se os pós-modernistas alegam que a história é uma série de ficção imposta por aqueles que estão no poder para aumentar a sua posição política e social, como isto nunca pôde atrair arquivistas, cuja grande parte do trabalho e clientela é focada no passado e seu registro probatório de atos e fatos? Através da redução da história para encontrar exemplos no passado para corroborar as conclusões com base numa *a priori* teoria crítica, e elevando as variadas tipologias narrativas do historiador sobre a reconstrução científica do passado com base em evidências, o historiador pós-moderno se torna um intérprete de textos (p.e. registros) como sinais semióticos de significados ocultos e não como prova documental de operações anteriores. Por esta razão, alguns críticos do pós-modernismo classificam aos historiadores pós-modernistas como “semeadores de teoria” culpados “de egoísmo monumental... fantasiados com o jargão da filosofia alemã e as imagens do discurso francês – [onde] metáforas regularmente fazem as vezes de pensamento racional.” A interpretação personalizada dos historiadores sobre o

passado se torna mais importante que povo, lugares e eventos do próprio passado. “Esta doutrina, mesmo fantasiada, leva direto a um niilismo frívolo, o que permite a qualquer historiador dizer o que quiser,” incluindo os negadores do Holocausto<sup>2</sup>.

Com seu foco em questões relativas à raça, classe, gênero, pós-colonialismo, e outros grupos marginalizados (povos indígenas, gays e lésbicas, subalternos, etc.), o pós-modernismo é também criticado por ser meramente uma ideologia política de esquerda mascarada para obter uma respeitabilidade acadêmica. Neomarxistas e estudantes existencialistas na França conseguiram na sala de aula da universidade o que eles não alcançaram nas ruas de Paris em 1968, uma estratégia avidamente imitada por neoesquerdistas *babyboomers*, os quais, igualmente frustrados na neoconservadora América do Norte, capturaram mais tarde a academia aqui para enviar a sua mensagem anti-*establishment*. Se isto for verdade, como

<sup>2</sup> Ver G.R. Elton, *Return to Essentials: Some Reflections on the Present State of Historical Study* (Cambridge, 1991), pp. 12–13, 28, 36–37, e passim. Para uma reação similar, ver Keith Windschuttle, *The Killing of History: How a Discipline is Being Murdered by Literary Critics and Social Theorists* (Paddington, NSW, 1996). Uma declaração mais moderada é a de Richard J. Evans, *In Defense of History*, 2ª ed. americana (Londres e Nova Iorque, 1999).

asseveram os críticos neoconservadores, tal marxismo requeitado e angústia existencial dificilmente deveriam apelar para quem não partilha estes valores. Até mesmo para alguns reformistas de esquerda, o relativismo, introspecção e ceticismo do pós-modernismo, são “incompatíveis com o feminismo (e de fato com qualquer) política radical”<sup>3</sup>. O Pós-modernismo derruba, assim diz o pensamento convencional, não constrói. As feministas, entre outros, consideraram isto mais do que um pouco irônico que, assim como alguns desses igualmente muito marginalizados grupos, incluindo mulheres, tenham finalmente encontrado sua voz, o conceito de autoria autônoma deva ser considerado morto. Como uma escritora feminista observava, “Como pode alguém me pedir para dizer adeus às ‘meta-narrativas emancipatórias’ quando a minha própria emancipação ainda é um caso irregular de erros e acertos?”<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Ver Hans Bertens, *The Idea of the Postmodern: A History* (Londres e Nova Iorque, 1995), p. 97, e passim. Para uma crítica de esquerda, antecipada e sustentada sobre o pós-modernismo, ver Bryan D. Palmer, *Descent into Discourse: The Reification of Language and the Writing of Social History* (Filadélfia, 1990). Para uma crítica mais recente, ver Terry Eagleton, *The Illusions of Postmodernism* (Oxford, 1996).

<sup>4</sup> Sabine Lovibond, citada in Bertens, *Idea of the Postmodern*, p. 202. Este capítulo (pp. 185–208, e particularmente a nota estendida 1, pp. 205–7) está endereçado ao pós-

Neste sentido, o pós-modernismo evita a meta-narrativa, aquelas interpretações generalizantes que totalizam a experiência humana de maneira monolítica, seja ela capitalismo, patriarcado, imperialismo, o estado da nação, ou os padrões ocidentais de literatura ou filosofia – quase nada que reflita a “hegemonia” presente ou passada de homens brancos mortos. Por exemplo, sob uma perspectiva pós-modernista, a literatura ocidental foi, até recentemente, um veículo para dar suporte ao patriarcado ou ao colonialismo; ao contrário, o pós-modernismo procura enfatizar a diversidade da experiência humana recuperando vozes marginalizadas em face de tal hegemonia, e daí sua ênfase numa ampla gama de disciplinas acadêmicas sobre questões de gênero, raça, classe, sexualidade e localidade. Mas os críticos dizem que o pós-modernismo, por sua vez, impõe a sua própria interpretação totalizadora, centrada agora nas vozes dos marginalizados. O que é pós-modernismo crítico ou a própria teoria social em si senão uma meta-narrativa metodológica? Esta metodologia é predicada numa leitura hermenêutica de texto que privilegia as ideias ou a “estória” do modernismo e ao feminismo, e aos problemas da ação política.

intérprete sobre as ações dos participantes originais ou sobre as ideias originais do autor. A Hermenêutica “permite ao estudante impor significado ao seu material em vez de extrair significado e importá-lo delas”<sup>5</sup>.

Como se isso tudo não fosse razão suficiente para desconfiar do pós-modernismo, seus principais defensores muitas vezes produzem emaranhados de linguagem confusa e jargão impene-trável: uma filosofia alemã arcana casada com uma absurda especulação francesa<sup>6</sup>. Quando provavelmente o principal e certamente o mais prolífico escritor pós-

<sup>5</sup> Elton, *Return to Essentials*, p. 30. Em contrapartida, sobre os benefícios da hermenêutica e sua aplicação na metodologia arquivista, particularmente numa macro avaliação, ver Richard Brown, “*Records Acquisition Strategy and Its Theoretical Foundation: The Case for a Concept of Archival Hermeneutics*,” *Archivaria* 33 (Inverno de 1991–92), pp. 34–56; e “*The Value of ‘Narrativity’ in the Appraisal of Historical Documents: Foundation for a Theory of Archival Hermeneutics*,” *Archivaria* 32 (Verão de 1991), pp. 152–56.

<sup>6</sup> Elton, *Return to Essentials*, p. 28. Para tornar o seu significado absolutamente claro numa diatribe clássica, sobre os pioneiros pós-modernos desde os filósofos Heidegger e Adorno (ele poderia ter adicionado Nietzsche e Gadamer) e teóricos culturais e literários Saussure, Barthes, e Derrida (e ele poderia ter adicionado Lyotard e Levi-Strauss), e suas transferências teóricas à história por Foucault e seus muitos seguidores, Elton assegura que estes principais pensadores pós-modernos poderiam ser razoavelmente caracterizados assim: “filosofia alemã e espírito francês – um perigoso coquetel porque enquanto o antigo pode ser incompreensível ele parece sábio, e este último demonstra que o absurdo sempre soa melhor em francês”.

modernista, Jacques Derrida, foi nominado para um grau honorário em Cambridge, um grupo de professores de tal venerável academia protestou contra esta honraria, afirmando numa carta ao *London Times* que seu “estilo desafia à compreensão” e “quando apresenta asseverações coerentes elas são falsas ou triviais... ataques praticamente inteligíveis aos valores da razão, da verdade e da erudição...”<sup>7</sup>. Uma piada corre a internet, cortesia da série de filmes “O Padrinho”<sup>8</sup>:

Q: O que você tem se você cruza um pós-modernista com um chefe da máfia?

A: Alguém que vai lhe fazer uma proposta que ninguém consegue entender!

Dando uma pátina mais séria e acadêmica a tal piada, numa respeitada publicação acadêmica sobre estudos culturais, o físico norte-americano Alan Sokal publicou um artigo em 1996 com o muito pós-modernista título, “Transgredindo as Fronteiras: Em Direção a uma Hermenêutica Transformativa da Gravidade Quântica,” um ensaio cheio de retórica pós-modernista e abundantes

<sup>7</sup> John D. Caputo, editor e analista, *Deconstruction in a Nutshell: A Conversation with Jacques Derrida* (Nova Iorque, 1997), pp. 38–39.

<sup>8</sup> Eu agradeço a Heather MacNeil por me chamar a atenção sobre isto.

citações dos principais autores pós-modernos de França e dos Estados Unidos. Após a publicação, ele confessou orgulhosamente que era uma completa farsa. Sua ficção recebeu significativa atenção da mídia e posteriormente ele publicou um livro sobre o “Abuso” do pós-modernismo titulado *Moda absurda*<sup>9</sup>.

\*\*\*\*\*

Pós-modernismo está certamente na moda em certos lugares, mas é absurdo? Algumas das objeções ao pós-modernismo têm certa plausibilidade. O pensamento pós-modernista é difícil de abordar com sua escrita filosófica especializada e argumentos teóricos complexos. Pode ser contraditório, cheio de paradoxos, ironias e jogos de palavras – algumas vezes (como no trabalho de Marshall McLuhan) feito intencionalmente com a intenção de minar a própria lógica racionalista, que está criticando, outras, ao que parece, meramente por pedante arrogância acadêmica. Suas origens históricas e seus mais famosos

<sup>9</sup> Alan Sokal e Jean Bricmont, *Fashionable Nonsense: Postmodern Intellectuals' Abuse of Science* (New York, 1998). O artigo original está reimpresso num apêndice no livro. Para um contra-ataque forte na desonestidade boba do trabalho de Sokal e seu completo equívoco sobre Derrida e desconstrução, ver Caputo, *Deconstruction in a Nutshell*, pp. 71–81.

praticantes aparentam ser politicamente de centro-esquerda, mas existem as mais profundas e diversas raízes do pós-modernismo até Kant, Nietzsche e Heidegger, que cobrem um espectro ideológico muito mais amplo. O filósofo Jurgen Habermas, ele mesmo um analista classificado como um pós-modernista e um anti pós-modernista, vê, por exemplo, tendências “neoconservadoras” e “conservadoras jovens” entre alguns pós-modernistas, incluindo Derrida e Foucault<sup>10</sup>.

Muitos dos críticos do pós-modernismo refletem um problema central de definição. A primeira história erudita sobre o pós-modernismo, publicada em 1995, começa com estas palavras perturbadoras: “pós-modernismo é um termo exasperador, como também o são pós-moderno, pós-modernista, pós-modernidade, e tudo o que vier por derivação. Na avalanche de artigos e livros que têm feito uso do termo desde o final da década de 1950, o pós-modernismo tem sido aplicado em níveis diferentes de abstração conceitual a uma longa gama de objetos e fenômenos no que nós costumamos chamar de realidade, então, é várias coisas

<sup>10</sup> Bertens, *Idea of the Postmodern*, p. 121.

de uma vez só”<sup>11</sup>. Isso dá aos críticos um prato cheio, mas talvez em vez disso eles deveriam tratar de compreender uma perspectiva tão difundida em toda a sua diversidade complexa. Um estudo recente inclui capítulos a respeito do impacto do pós-modernismo na filosofia, teoria crítica e cultural, política, feminismo, estilos de vida, ciência e tecnologia, arquitetura, artes, cinema, televisão, literatura, e música,<sup>12</sup> e, de outros estudos, pode-se acrescentar o seu impacto em história, geografia, cartografia, fotografia, literatura, antropologia, sociologia, teoria organizacional, linguística, museus, e bibliotecas. “Pós-modernismo,” então, é composto por uma série de pós-modernismos, alguns dos quais não são mutuamente compatíveis. Isto não deveria ser surpresa: não pode haver nenhum pós-modernismo único mais do que há uma única definição para modernismo, Vitorianismo, ou Marxismo que unifique todos os seus defensores, disciplinas, mídias, tempos ou lugares. Todas as etiquetas por definição distorcem, e alguns pós-modernistas de fato podem, com enorme precisão, ser chamados de

modernistas tardios, neomarxistas, desconstrucionistas, neo-idealistas, pós-estruturalistas, feministas, pós-colonialistas, neorromânticos, e muito mais. Tudo verdade talvez, e ainda assim tem alguma coisa chamada pós-modernismo que cativa a atenção popular e acadêmica. Enquanto seu escopo e definição podem certamente ser qualificados, sua existência não pode ser negada. No entanto, ao ser muitas coisas em uma, o pós-modernismo permanece fácil de ridicularizar e quase impossível de resumir – mais ainda num breve resumo panorâmico.

Apesar dos esforços intelectuais realizados, os arquivistas não devem descartar o pós-modernismo por quatro razões. Primeiro, como sugere seu vasto impacto em muitos campos da cultura popular, pelo menos na América do Norte e partes da Europa, o pós-modernismo permeia o espírito da nossa época. Como os arquivos, assim como registros e instituições, para não falar dos criadores de registros, sempre refletiram as características de seu tempo e lugar<sup>13</sup>, o autoconhecimento profissio-

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 3.

<sup>12</sup> Stuart Sim, ed., *The Icon Critical Dictionary of Postmodern Thought* (Cambridge, 1998).

<sup>13</sup> Para exemplos de esta argumentação e referências para outras fontes de apoio, ver Terry Cook, “*What is Past is Prologue: A History of Archival Ideas Since 1898, and the Future Paradigm Shift*,” *Archivaria* 43 (Primavera de 1997), pp. 17–63, uma versão menor, menos



nal, para não mencionar outros, exige que os arquivistas tentem entender este fenômeno contemporâneo. Segundo, o pós-modernismo é tão difundido na cultura universitária norte-americana que quase todos os novos arquivistas e pesquisadores acadêmicos ingressando em instituições de arquivo terão absorvido, desde seus estudos de graduação em quase todos os campos concebíveis das ciências humanas ou sociais, bem como em alguns programas de pós-graduação, esta arcabouço intelectual pós-modernista que os arquivistas como profissão devem tentar

---

completa da que foi publicada como “*Interaction of Archival Theory and Practice Since the Publication of the Dutch Manual*,” *Archivum* (1997). Para uma análise das possíveis conexões entre um meio de arquivo (a nova fotografia Daguerreotipo), teoria e prática de arquivo (nova articulação a respeito dos fundos in Louis Phillippe’s France), e o espírito e uma era (positivismo científico e empírico), ver Joan M. Schwartz, “*Records of Simple Truth and Precision: Photography, Archives, and the Illusion of Control*,” *Archivaria* 50 (Outono de 2000), pp. 1–40. Os escritos do educador Terry Eastwood tem observado que “é preciso entender o meio social político, econômico e cultural de qualquer sociedade dada para entender seus arquivos,” acrescentando que “as ideias mantidas em qualquer tempo dado sobre arquivos são certamente uma reflexão de longas correntes na história intelectual.” Terence M. Eastwood, “*Reflections on the Development of Archives in Canada and Australia*” in Sue McKemmish e Frank Upward, eds., *Archival Documents: Providing Accountability Through Recordkeeping* (Melbourne, 1993), p. 27, ver também Barbara L. Craig, “*Outward Visions, Inward Glance: Archives History and Professional Identity*,” *Archival Issues: Journal of the Midwest Archives Conference* 17, no. 2 (1992), pp. 113–24

entender e acolher. Terceiro, e como corolário, só pelas contas das minhas publicações, umas duas dúzias de arquivistas de língua inglesa já dentro da profissão estão explorando os desafios que as ideias pós-modernistas apresentam aos arquivos, e mais destacada e originariamente no Canadá.<sup>14</sup> Embora

---

<sup>14</sup> A primeira menção ao pós-modernismo (ao menos em inglês) de um arquivista no título de um artigo foi feita por Terry Cook, em “*Electronic Records, Paper Minds: The Revolution in Information Management and Archives in the Post-Custodial and Post-Modernist Era*,” *Archives and Manuscripts* 22 (Novembro de 1994), pp. 300–329. Os temas foram antecipados no seu “*Mind Over Matter: Towards a New Theory of Archival Appraisal*”, in Barbara L. Craig, ed., *The Archival Imagination: Essays in Honour of Hugh A. Taylor* (Ottawa, 1992), pp. 38–70; e continuaram no seu “*What is Past is Prologue: A History of Archival Ideas*,” *Archivaria*, e “*Archival Science and Postmodernism: New Formulations for Old Concepts*,” *Archival Science*. Dois pós-modernistas pioneiros antes de Cook também foram canadenses, Brien Brothman e Richard Brown. Entre outros trabalhos, ver Brien Brothman, “*Orders of Value: Probing the Theoretical Terms of Archival Practice*,” *Archivaria* 32 (Verão de 1991), pp. 78–100; “*The Limits of Limits: Derridean Deconstruction and the Archival Institution*,” *Archivaria* 36 (Outono de 1993), pp. 205–20; e sua revisão de sondagem do “*Mal de Arquivo*” de Jacques Derrida, in *Archivaria* 43 (Primavera de 1997), a qual foi muito *aprofundada no seu* “*Declining Derrida*,” *Archivaria*; e Richard Brown, “*The Value of ‘Narrativity’ in the Appraisal of Historical Documents*,” *Archivaria*, e “*Records Acquisition Strategy*,” *Archivaria*, e seu “*Death of a Renaissance Record-Keeper: The Murder of Tomasso da Tortona in Ferrara, 1385*,” *Archivaria* 44 (Outono de 1997), pp. 1–43. Outras declarações pós-modernistas de canadenses incluem Preben Mortensen, “*The Place of Theory in Archival Practice*,” *Archivaria* 47 (Primavera de 1999), pp. 1–26; Tom Nesmith, “*Still Fuzzy, But More Accurate: Some Thoughts on the ‘Ghosts’ of Archival*

nem todas estas pessoas sejam pós-

---

*Theory*,” *Archivaria* 47 (Primavera de 1999), pp. 136–50; Joan Schwartz, “*We make our tools and our tools make us’: Lessons from Photographs for the Practice, Politics, and Poetics of Diplomats*,” *Archivaria* 40 (Outono de 1995), pp. 40–74, e seu “*Records of Simple Truth and Precision*,” *Archivaria*; Bernadine Dodge, “*Places Apart: Archives in Dissolving Space and Time*,” *Archivaria* 44 (Outono de 1997), pp. 118–31; Theresa Rowat, “*The Records and the Repository as a Cultural Form of Expression*,” *Archivaria* 36 (Outono de 1993), pp. 198–204; Robert McIntosh, “*The Great War, Archives, and Modern Memory*,” *Archivaria* 46 (Outono de 1998), pp. 1–31; Carolyn Heald, “*Is There Room for Archives in the Postmodern World?*” *American Archivist* 59 (Inverno de 1996), pp. 88–101; e Lilly Koltun, *The Promise and Threat of Digital Options in an Postmodernism and the Practice of Archives Options in an Archival Age*,” *Archivaria* 47 (Primavera de 1999), pp. 114–35. Entre os arquivistas pós-modernistas não canadenses incluem-se Eric Ketelaar, “*Archivalisation and Archiving*,” *Archives and Manuscripts* 27, no. 1 (Maio de 1999), pp. 54–61 e “*Looking Through the Record into the Rose Garden*,” *Arkhiyyon. Reader in Archival Studies and Documentation* 10–11 (1999), pp. XXVII–XLII, entre outros; e Verne Harris, “*Claiming Less, Delivering More: A Critique of Positivist Formulations on Archives in South Africa*,” *Archivaria* 44 (Outono de 1997), pp. 132–41, seu complementar “*Redefining Archives in South Africa: Public Archives and Society in Transition, 1990–96*,” *Archivaria* 42 (Outono de 1996), pp. 6–27, seu *Exploring Archives: An Introduction to Archival Ideas and Practice in South Africa*, 2d ed. (Pretoria, 2000), e com Sello Hatang, “*Archives, Identity and Place: A Dialogue on What It (Might) Mean(s) to be an African Archivist*,” *ESARBICA Journal* 19 (2000), pp. 45–58, entre muitos outros textos; Elizabeth Kaplan, “*We Are What We Collect, We Collect What We Are*,” *American Archivist* 63 (Primavera/Verão de 2000), pp. 126–51; e implicitamente pelo menos alguns dos escritos dos norte-americanos Margaret Hedstrom, Richard Cox, Fran Blouin, Nancy Bartlett, e James O’Toole, e dos australianos Frank Upward, Sue McKemmish, e Barbara Reed. A publicação planejada no próximo ano de no mínimo dois livros sobre arquivos e a construção da memória social irá aumentar o número de arquivistas envolvidos na consideração das implicações do pós-modernismo sobre a sua profissão.

modernistas, e talvez nem todos aceitem esta etiqueta, todas as suas análises se engajam seriamente com alguns escritores pós-modernistas e com a oportunidade com que as ideias pós-modernistas apresentam aos arquivos. Eu espero que os leitores não descartem estes colegas como seduzidos coletivamente pela “moda absurda”. Finalmente, os próprios escritores pós-modernistas estão agora começando a abordar os arquivos diretamente nos seus escritos, como instituição, como atividade, como registros, como mídia de gravação, como memória coletiva, como fenômeno social. Quando Jacques Derrida, indiscutivelmente o mais famoso filósofo vivo do mundo, devota um livro inteiro, o seu *Mal de Arquivo* de 1996, para a *raison d’être* da profissão de arquivista, alguma coisa significativa está acontecendo<sup>15</sup>.

Na estela do terremoto causado por Derrida, historiadores, geógrafos, filósofos, sociólogos, antropólogos, psicólogos, e teóricos culturais estão agora submetendo o mundo do arquivo a uma crítica detalhada, como nunca antes

---

<sup>15</sup> Jacques Derrida, *Mal de Arquivo: Uma impressão Freudiana* (Chicago e Londres, 1996, originalmente na França em 1995, de uma série de palestras de 1994).

tenham experimentado<sup>16</sup>. A imagem que eles têm do arquivo – a qual é completamente diferente da imagem tradicional que a profissão tem de si mesma – poderia muito bem influenciar a opinião pública em geral, moldar as perspectivas dos novos arquivistas que estão vindo a nós e transformar as expectativas de pesquisadores e patrocinadores.

As diferentes percepções do pós-modernismo, e desta intensa crítica externa e interna do arquivo, são um desafio e uma provocação para os arquivistas, que algumas vezes pode deixá-los raivosos e irritá-los, sempre estimulá-los e sustentá-los. Mas não deve empurrá-los para dentro de uma couraça isolacionista de negação ou rejeição. O pós-modernismo é uma abertura, não um encerramento, uma chance de acolher uma longa discussão sobre o que os arquivistas fazem e por

<sup>16</sup> Ver, por exemplo, as duas edições temáticas em *“The Archive,” History of the Human Sciences* 11 (Novembro de 1998) e 12 (Maio de 1999), apresentando cerca de vinte artigos de acadêmicos em muitas disciplinas dedicados a analisar as questões teóricas em torno do arquivo como fenômeno social e societal. Os Seminários Sawyer em *“Archives, Documentation, and the Institutions of Social Memory,”* organizados pelo Instituto Bentley na Universidade de Michigan durante o ano acadêmico de 2000–01, ouviram semelhantes pontos de artigos e comentários de acadêmicos, muitos dos quais serão publicados, sobre diversas disciplinas em muitos aspectos de arquivo e sociedade.

que, em vez de permanecer na defensiva dentro do claustro arquivista. Este diálogo deveria ser abraçado por uma profissão que durante anos tem se queixado de ser mal compreendida. Para ser melhor entendidos, e portanto valorizados, os arquivistas precisam fazer com que suas perspectivas singulares (e importantes) tenham voz na fala comum – ou “discurso” – dos seus tempos. Desta maneira, o pós-modernismo, particularmente na sua forma desconstrutiva, permite a liberação de grandes energias para jogar fora o que for constrangedor, o que os arquivistas têm mantido por hábito ou por ordem profissional. O pós-modernismo desta forma pode ser enormemente libertador e construtivo (com ambos os significados, o de ser positivo e o de construir coisas). Desconstrução não é sobre destruir em infundáveis críticas relativistas, e sim sobre construir, ver de novo e imaginar o que é possível quando as banalidades e ideologias são removidas. É uma forma de consulta, de leitura, de análise, que gera uma energia necessária para a abertura à mudança e inovação verdadeiras. É uma mentalidade que “deve estar sempre aberta, porosa, experimental, não-programável, vigilan-

te, auto-questionável, auto-revisável, exposta ao seu outro, inventiva do outro”<sup>17</sup>. Não é política e prática em si, mas fornece inspiração poética para conceituá-las de uma maneira nova<sup>18</sup>.

\*\*\*\*\*

Apesar das dificuldades em definir pós-modernismo, há uma definição de três palavras apresentada por um de seus pioneiros. “Simplificando ao extremo,” Jean-François Lyotard escreve “Eu defino pós-modernismo como incredulidade com respeito a meta-narrativas”<sup>19</sup>. Existem causas negativas e positivas para esta incredulidade, e portanto para as condições de pós-modernidade e da pós-modernidade em si.<sup>20</sup> De forma negativa, a exposição à

<sup>17</sup> Caputo, *Deconstruction in a Nutshell: A Conversation with Jacques Derrida*, p. 70. Em adição aos trabalhos de Verne Harris e Brien Brothman citados através destas notas, o livro de Caputo é uma boa visão geral introdutória do trabalho de Derrida e a natureza da desconstrução.

<sup>18</sup> Sobre política e poesia num cenário arquivista, ver Schwartz, “‘We make our tools and our tools make us’: Lessons from Photographs for the Practice, Politics, and Poetics of Diplomats,” *Archivaria*, passim.

<sup>19</sup> Jean-François Lyotard, *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*, Geoff Bennington e Brian Massumi, trans. (Minneapolis, 1984, original França 1979), p. xxiv (grifo nosso).

<sup>20</sup> Há muitos livros que avaliam as dimensões culturais, sociais, intelectuais e globais da condição pós-modernista, ou pós-modernidade. Três que eu achei particularmente

propaganda massiva das guerras mundiais, à máquina nazista, à Guerra Fria e ao Vietnã, gerou uma desconfiança da ampla narrativa do Estado centrada no patriotismo, e produziu especial desconfiança de seus principais defensores: políticos, jornalistas, e a mídia. Seus hábitos frequentemente venais reforçaram a desconfiança quando ficaram conhecidos. Os grandes capitalistas e seus respectivos anunciantes na *Madison Avenue* também perderam o seu uma vez incontestável lustre de confiável liderança diante dos ataques da esquerda, do terceiro mundo, e de críticos ambientalistas, um processo que continua nas demonstrações anti-globalização de hoje. A falência moral e o subsequente colapso político de vários impérios coloniais do Ocidente, assim como do marxismo soviético, também minaram a fé em valores anteriormente inquestionáveis, que animavam as empresas e seus defensores. E a contínua e sustentada exposição feminista, a partir da década de 1960, sobre o funcionamento interno do patriarcado, demons-

úteis são David Harvey, *The Condition of Postmodernity* (Cambridge, MA, 1990, muitas reimpressões); Richard Tarnas, *The Passion of the Western Mind: Understanding the Ideas That Have Shaped Our World View* (Nova Iorque, 1991), pp. 325–413; e Norman Cantor, *The American Century: Varieties of Culture in Modern Times* (Nova Iorque, 1997), pp. 425–502.

trou que uma meta-narrativa importante da cultura ocidental centrada em torno da dominação do homem era simplesmente uma construção artificial para reforçar o poder masculino. Outra narrativa ocidental centrada no cristianismo também sofreu devido ao seu apoio no passado por vezes permanente às narrativas do Estado sobre a guerra, o capitalismo, o imperialismo, e o patriarcado. O desencantamento com a ciência moderna a partir de Hiroshima teve resultados semelhantes, minando a fé na Ciência e em seus mantras centrais de objetividade, neutralidade e racionalismo. Em resumo, diz Lyotard, os valores que a sociedade tem mantido, os grandes mitos da civilização ocidental, as meta-narrativas que têm dominado por décadas ou séculos, não têm mais credibilidade. Como a sociedade pôde ter sido enganada por tanto tempo? O Pós-modernismo tenta, ao menos em parte, responder a esta questão.

De forma mais positiva, em termos de explicar a crescente incredulidade de meta-narrativas que está no coração do pós-modernismo, a globalização da mídia e do comércio, que permitem comunicações mundiais de redes computadorizadas e satélites de telecomunicação, a explosão resultante

da informação de trabalho e lazer num mundo conectado ao instante, 24 horas por dia, 7 dias na semana, e uma concomitante fragmentação da informação em nichos de mercado, e milhões de páginas *Web* – todos esses desafiam a própria possibilidade da meta-narrativa. Por causa desses desenvolvimentos revolucionários, existe uma crescente consciência das outras vozes, outras histórias, outras narrativas, outras realidades – além das que tradicionalmente têm preenchido os textos escolares, livros de história, museus, monumentos públicos, mídia popular e arquivos. Para usar o exemplo norte-americano, a voz masculina, branca tradicional, anglo-saxã, foi desafiada pela primeira vez por vozes étnicas e multiculturais e defensores da paz e contra a guerra nos anos 60, por vozes feministas dos primórdios dos anos 70 em diante, depois sucessivamente por ecologistas, gays e lésbicas, comunidades indígenas e, cada vez mais, por pensadores do terceiro mundo. Como resultado, a sociedade tem se tornado mais consciente do que os pós-modernistas chamaram de “Outro” – aqueles além deles mesmos, aqueles cuja raça, classe, gênero, ou orientação sexual pode ser diferente da própria, aqueles que

numa comunidade globalizada não podem mais ignorar quando constroem suas próprias identidades e compõem suas próprias narrativas. Depois de um século de Nietzsche, Freud, Picasso, Jung e McLuhan, a sociedade sabe que a mensagem racional, linear, das principais meta-narrativas (independentemente do seu conteúdo real) oferece na melhor das hipóteses uma visão truncada da natureza humana, individual e coletivamente. Paixão, imaginação, sexualidade, percepção artística, intuição do lado direito do cérebro – a irracional e a subjetiva – são todos parte integrante da alma humana, no entanto todos estavam relativamente ausentes do racionalismo científico do lado esquerdo do cérebro que animou às meta-narrativas baseadas no Iluminismo. Estão todos também, pode-se notar, relativamente ausentes do material dos arquivos, ou pelo menos dos arquivos tradicionais. O pós-modernismo tenta aprumar esse desequilíbrio, reconhecendo que o yin e o yang do espírito humano, o cérebro esquerdo e direito, mesmo em aparente paradoxo gastam muita energia desequilibrando, desconstruindo, desmascarando as meta-narrativas que hoje bloqueiam uma reconciliação equilibrada.

Os pós-modernistas buscam, em resumo, desnaturalizar o que a sociedade assume inquestionavelmente como natural, o que tem sido por gerações, quem sabe séculos, aceito como normal, natural, racional, provado – simplesmente do jeito que as coisas são. O pós-modernista pega tal fenômeno “natural” – quer seja o patriarcado, o capitalismo, o cânon ocidental da boa literatura, ou o trabalho nos arquivos – e os declara “construídos” social ou culturalmente e, portanto, precisando de desconstrução e reformulação para refletir melhor a diversidade dos tempos atuais<sup>21</sup>.

John Ralston Saul recentemente argumentou que o estado de espírito pós-

---

<sup>21</sup> Alguns destes argumentos neste e no parágrafo anterior empatam na análise de Cook, “*Archival Science and Postmodernism*,” *Archival Science*. Como observado neste ensaio, parece que há poucos pontos de citação de artigos e livros que tenham moldado o meu entendimento sobre o pós-modernismo. Talvez o suficiente para dizer que, em adição à metodologia histórica de Foucault e ao volume seminal de Derrida, eu ganhei muito por uma exposição precoce ao trabalho da erudita literária canadense, Linda Hutcheon, *The Politics of Postmodernism* (Londres e Nova Iorque, 1989) e *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction* (Nova Iorque e Londres, 1988); a *Passion of the Western Mind* de Richard Tarna, e é claro aos textos dos arquivistas (felizmente crescendo em número) que têm explorado mais do que ignorado o pós-modernismo, como sublinhado acima na nota 14. Eu gostaria também de reconhecer as discussões da sondagem em torno da pós-modernidade ao longo dos anos com Brien Brothman, Rick Brown, Bernadine Dodge, Verne Harris, Candace Loewen, Tom Nesmith, Jean-Stéphen Piché, Joan Schwartz, e Hugh Taylor.

moderno (que ele saúda como particularmente canadense em etos se não em ideologia) celebra a ambiguidade, tolerância, diversidade, e as múltiplas identidades<sup>22</sup>; e o faz em grande parte explodindo as meta-narrativas – e os conceitos, linguagem, história e arquivos nos quais se baseiam. De fato, ele tem argumentado energicamente contra a ideologia, a forma mais nítida de meta-narrativa:

Nós sofremos de um viciante apetite por grandes ilusões. Um apetite por ideologias. O poder na nossa civilização está repetidamente ligado à busca de verdades e utopias com tudo incluído... A crença inabalável de que estamos no caminho da verdade – e portanto da solução para os nossos problemas – nos impede identificar essa obsessão como uma ideologia...[e nos induz à] passividade ante o inevitável – antes que seja dito que é inevitável – uma reação padronizada à ideologia. E passividade é um dos efeitos mais deprimentes da ideologia. O cidadão é reduzido ao estado de sujeito ou até de servo. Há certa dignidade terrível nas

<sup>22</sup> John Ralston Saul, *The Inclusive Shape of Complexity*, discurso na Conferência Internacional sobre Estudos Canadenses: *The Canadian Distinctiveness into the XXIst Century*, (Universidade de Ottawa, 18 de Maio de 2000), publicação futura.

grandes ideologias. Com o golpe de uma argumentação intelectual, o planeta é colocado em seu lugar. Aterrorizante. Somente os mais corajosos ou o mais tolo dos indivíduos não ficariam passivos diante desses destinos inspiradores... Viver dentro de ideologias (ou meta-narrativas), com expectativas utópicas, é viver em nenhum lugar, é viver no limbo. Viver em lugar algum. Viver num vazio onde a ilusão da realidade é geralmente criada por construções racionais altamente sofisticadas... É a ideologia que insiste num o positivismo implacável. É por isso que se opõe à crítica e encoraja à passividade. Eu diria que o confronto com a realidade – não importando quão negativo e deprimente seja o processo – é o primeiro passo para aceitá-la...exercendo os meus direitos como cidadão – meu socrático direito – para criticar, rejeitar a conformidade, a passividade, a inevitabilidade<sup>23</sup>.

O “confronto com a realidade” de Saul é realmente sobre desconstruir meta-narrativas, abrindo possibilidades para que as pessoas se vejam a si mesmas, às suas sociedades e suas profissões de novo, livres do peso morto

<sup>23</sup> John Ralston Saul, *The Unconscious Civilization* (Concord, 1995), pp. 18, 20, 28, 36–37.

da sabedoria aceita e aliviadas da conformidade passiva à ideologia tradicional.

O pós-modernismo, assim, tanto incentiva, através da análise crítica da desconstrução, à fragmentação do velho arcabouço modernista e da ambiguidade, da abertura e das várias maneiras de ver que são essenciais no novo mundo globalizado. O que, então, é pós-modernismo sob uma perspectiva arquivística?

Invocando a advertência de Lyotard sob o risco de simplificação extrema, eu caracterizaria pós-modernismo arquivista como focado no contexto por trás do conteúdo; nas relações de poder que moldam o patrimônio documental; e na estrutura do documento, seus residentes e subsequentes sistemas de informação, e em suas convenções de narrativa e processo operacional como mais importantes que o seu conteúdo informacional. Indo além, fatos em textos não podem ser separados de suas interpretações a partir de suas interpretações passadas e atuais, nem o autor do assunto ou audiências em constante mudança, nem o autor do ato de criação, nem a autoria dos contextos sociais mais amplos no qual tem lugar. Tudo em registros documentais arqui-

vísticos é moldado, apresentado, representado, reapresentado, simbolizado, significado, construído pelo escritor, pelo programador de computação, pelo fotógrafo, pelo cartógrafo, para um propósito definido. Nenhum texto é um inocente subproduto de ação administrativa ou pessoal, mas sim um produto construído – embora esta construção consciente possa ser tão transformada em padrões inconscientes de comportamento social, convenções de linguagem, processos de organização, imperativos tecnológicos, e modelos de informação que os vínculos com sua natureza construída tornaram-se bastante escondidos. O arquivista pós-moderno expõe estas profundas realidades contextuais.

Documentos, individual e coletivamente, são todos uma forma de narração, asseguram os pós-modernistas, que vão bem além de ser simples evidência de fatos e transações. Documentos são moldados para reforçar a coerência narrativa e a harmonia conceitual para o autor, reforçando assim a posição, o ego e o poder, enquanto entram em conformidade com normas de organização aceitáveis, padrões de discurso retórico, e expectativas sociais. Os pós-modernistas também acreditam



que não há uma narrativa numa série de coleções ou registros, mas muitas narrativas, muitas histórias, servindo a muitos propósitos para muitas plateias, através do tempo e do espaço. Documentos são, portanto, dinâmicos, não estáticos<sup>24</sup>. E o arquivista, assim como o criador ou o pesquisador, é um dos narradores.

Algumas dessas generalizações sobre pós-modernismo são sustentadas numa crescente literatura sobre a história dos arquivos. Estudos revelam agora que os arquivos foram coletados – e mais tarde cortados, reconstruídos, até destruídos – nem sempre para conservar a melhor evidência jurídica de operações legais ou econômicas, mas para servir a propósitos históricos, sacros, e simbólicos – e somente para estas figuras e eventos julgados dignos de comemorar, ou memorizar, dentro do contexto do seu

<sup>24</sup> Nesta, ver Sue McKemmish, “Are Records Ever Actual?” in Sue McKemmish e Michael Piggott, eds., *The Records Continuum: Ian Maclean and Australian Archives First Fifty Years* (Clayton, 1994). Ela desenha a inspiração na sua epígrafe de abertura de Derrida, e do meu próprio trabalho no conceito pós-custodial dos fundos de arquivo baseados em “realidades múltiplas lógicas ou virtuais,” em vez de sua tradicional base de guarda física. Ver Terry Cook, “The Concept of the Archival Fonds: Theory, Description, and Provenance in the Post-Custodial Era,” in Terry Eastwood, ed., *The Archival Fonds: From Theory to Practice* (Ottawa, 1992), p. 38.

tempo e lugar<sup>25</sup>. Dado o simbiótico relacionamento entre o feminismo e o pós-modernismo, o caso de como os arquivos têm respondido para documentar o papel da mulher na sociedade é instrutivo. A estudiosa feminista Gerda Lerner demonstrou que o poder patriarcal está por trás da criação dos primeiros documentos escritos e dos primeiros arquivos no mundo antigo. O empreendimento arquivístico foi então intencionalmente e sem remorso patriarcal: as mulheres foram deslegitimadas pelo processo de arquivo e registro e portanto ficaram ausentes da subsequente formação de memória social, um processo que continua neste século<sup>26</sup>. Os arquivistas, não surpreen-

<sup>25</sup> Para mais detalhes sobre este argumento, com exemplos e inúmeras referências, ver Cook, “*What is Past is Prologue: A History of Archival Ideas*,” pp. 18–19. Para somente alguns dos muitos exemplos poderosos através do milênio, ver Patrick J. Geary, *Phantoms of Remembrance: Memory and Oblivion at the End of the First Millennium* (Princeton, 1994), particularmente o capítulo 3: “*Archival Memory and the Destruction of the Past*”; Richard Brown, “*Death of a Renaissance Record-Keeper*,” *Archivaria*; Robert McIntosh, “*The Great War, Archives, and Modern Memory*,” *Archivaria* 46 (Outono de 1998), pp. 1–31; e Verne Harris, “*Redefining Archives in South Africa*,” *Archivaria*; assim como muitos dos artigos nas edições especiais de “*The Archive*” na *História das Ciências Humanas*. Sobre a natureza simbólica dos arquivos, ver James O’Toole, “*The Symbolic Significance of Archives*,” *American Archivist* 56 (Primavera de 1993), pp. 234–55.

<sup>26</sup> Gerda Lerner, *The Creation of Patriarchy* (Nova Iorque e Oxford, 1986), pp. 6–

dentemente, têm compartilhado a mesma orientação que seus arquivos. Bonnie Smith sugeriu que o crescimento da história “profissional” no século dezenove (que coincidiu com a profissionalização dos arquivistas, os quais foram treinados como tais historiadores) espremeu a narrativa, o fantasmagórico e o psíquico, o espiritual e o feminino (e, é claro, todas as mulheres praticantes “amadoras”) que estavam significativamente presentes em anteriores articulações da história, em favor de homens que estavam em busca de uma nova história “científica” e “profissional” dentro da sala de pesquisa arquivista e do competitivo seminário universitário. Tais historiadores e arquivistas ignoraram nos seus trabalhos a vida diária das pessoas em famílias, fazendas, fábricas, e comunidades em favor da política, instituições, diplomacia e da guerra. Eles também veneravam seus métodos científicos como baseados em fatos, neutrais,

---

7, 57, 151, 200, e passim; e *The Creation of Feminist Consciousness: From the Middle Ages to Eighteen-seventy* (Nova Iorque e Oxford, 1993), o qual detalha a exclusão sistêmica das mulheres da história e dos arquivos, e começando no final do século dezenove os esforços para corrigir isto criando arquivos de mulheres (particularmente o capítulo 11, “*The Search for Women's History*”). Ver também Riane Eisler, *The Chalice & The Blade: Our History, Our Future* (São Francisco, 1987), pp. 71–73, 91–93.

desapaixonados – o único meio de recuperar a verdade sobre o passado<sup>27</sup>. Historicamente, então, não há nada “natural” neste processo de lembrança e esquecimento, ou seus participantes profissionais, ou o resultado que eles produziram.

Em resumo, o arquivo agora é visto cada vez mais como o sítio onde a memória social foi (e é) construída – geralmente em apoio, consciente ou inconsciente, às meta-narrativas dos poderosos, e particularmente do estado. Princípios de Arquivo, como o *respect des fonds*, são igualmente revelados como historicamente dependentes, não universais ou absolutos<sup>28</sup>. O registro é percebido agora como um mero traço de universos perdidos, como um tipo de truque do espelho que distorce fatos e realidades passadas, refletindo tanto as intenções narrativas do seu autor e a receptividade da sua atual audiência como o seu real conteúdo informacional. O registro assim se torna um significante cultural, uma construção mediata e em constante mudança, e não algum modelo

---

<sup>27</sup> Bonnie Smith, *The Gender of History: Men, Women, and Historical Practice* (Cambridge, MA e Londres, 1998).

<sup>28</sup> Ver particularmente Mortensen, “*The Place of Theory in Archival Practice*,” *Archivaria*; Schwartz, “*Records of Simple Truth and Precision*,” *Archivaria*; e Cook, “*What is Past is Prologue*,” *Archivaria*.

vazio no qual são despejados atos e fatos. Isto não significa que nada seja verdadeiro, ou que tudo esta à deriva num mar de relativismo sem sentido. Isto é uma leitura fundamentalmente errada do pós-modernismo. Significa que o significado é relativo ao contexto da criação do registro, que por trás do texto há muitos outros textos sendo concebidos escondidos, e que a mediação do arquivista no estabelecimento de padrões, realizando avaliações, visando aquisições, impondo ordens de arrumação, criando descrições lógicas, e encorajando determinados tipos de preservação, uso, e programação pública é criticamente importante em modelar este significado.

Esta formação de significado pelo arquivista tem sido observada na melhor das hipóteses de forma opaca dentro e fora da profissão de arquivo, com o arquivista permanecendo em-coberto, despercebido, imperceptível, sendo o fantasma na metáfora de Tom Nesmith.<sup>29</sup> O pós-modernismo, por outro

<sup>29</sup> Ver Nesmith, *“Still Fuzzy, But More Accurate: Some Thoughts on the ‘Ghosts’ of Archival Theory,”* *Archivaria*. Sobre a metáfora do fantasma nos escritos de Derrida a respeito de a persistência do “Outro” estar sempre presente, de nunca ser capaz de escapar completamente do passado, ver Stuart Sim, *Derrida e o Fim da História* (Cambridge, 1999), que é uma apreciação crítica de *Espectros de Marx* de

lado, requer uma nova abertura, uma nova visibilidade, uma vontade de questionar e ser questionado, de contar para alguma coisa e ser responsabilizado. O pós-modernismo requer que os arquivistas aceitem e até celebrem sua própria historicidade, seu próprio rol no processo histórico da criação de arquivos, e seus próprios preconceitos. Em oposição aos ataques anti-pós-modernistas de historiadores tradicionais citados anteriormente (os quais, com algumas mudanças de palavras, poderiam facilmente ser teóricos arquivistas tradicionais ridicularizando o pensamento pós-moderno), nenhum ator, observador, ou escritor é jamais neutral ou desinteressado em qualquer processo documental. Como também não é o “texto” que historiadores e arquivistas consultam (incluindo documentos de arquivo) ou preservam (ou seja, avaliam, adquirem, descrevem) uma janela transparente para uma realidade passada. Todas as afirmações humanas ocorrem (mesmo que subconsciente ou inconscientemente) dentro de um contexto de meta-narrativas sociais contemporâneas onde tudo é filtrado, mediado, ou influenciado por considerações de linguagem, psicologia

Derrida (1993, uma tradução norte-americana e portanto uma ortografia norte-americanizada).

peçoal e poder. Sendo assim, a jornada pós-moderna<sup>30</sup> para o arquivista não é uma viagem circular dentro do conforto do claustro arquivista reforçando velhas certezas, e sim aberta, ouvindo novas possibilidades e documentando novas vozes, aproveitando as novas energias liberadas por ter entendido o peso que representavam as obsessões passadas.

\*\*\*\*\*

Belas afirmações, pode pensar o leitor, mas o que significam para a prática do trabalho de arquivo? Talvez, à primeira vista, o pós-modernismo e a atividade tradicional arquivística pareçam bastante compatíveis. Por que a sugestão, então, de um renascimento profissional? Depois de tudo, o pós-moderno se preocupa com “contextos construídos” na criação de registros<sup>31</sup> relembra o foco na contextualidade do arquivo de longa data, no mapeamento da procedência das inter-relações entre o criador e o registro, na determinação e explicação aos usuários do contexto por trás do texto. Na verdade, as preocu-

<sup>30</sup> Ver particularmente o discurso de abertura da conferência em viagem ou odisseia, o tema da conferência, feito por Verne Harris, que aparece de forma revisitada nesta edição de *Arquivaria*.

<sup>31</sup> Ver Hutcheon, *Poetics of Postmodernism*, p. 122.

pações dos arquivistas com relacionamentos e relativismos pós-modernistas compartilhavam a mesma busca por parentesco, por contingência, por contextualização.

Ainda além desse nível inicial de conforto, o pós-modernismo deve tornar os arquivistas apreensivos com muitas das suas formulações tradicionais. O pós-modernismo questiona, por anteriores implicações e agora diretamente em escritos muito recentes, certas metanarrativas centrais da própria profissão de arquivista. O Pós-modernismo assim encoraja a deixar de visualizar os registros como objetos estáticos e passar a compreendê-los como conceitos dinâmicos e até virtuais; deixar de visualizar os registros como o produto passivo de atividade humana ou administrativa para considerá-los agentes ativos e em constante evolução na formação de memória humana e organizacional; deixar também de ver o contexto da criação de registros descansando dentro de organizações hierarquicamente estáveis para situar os registros dentro de redes fluidas de funcionalidade pessoal e de trabalho. Para os próprios arquivistas, a mudança pós-moderna requer o afastamento da própria identificação como guardiões

passivos de um legado herdado a celebrar o seu papel na moldagem ativa da memória da sociedade.

Dito de outra maneira, o discurso arquivista pós-moderno mudaria de produto a processo, de estrutura a função, de arquivo a arquivamento, de registro a contexto de registro, de resíduos “naturais” ou subprodutos passivos de atividade administrativa a “arquivização”, construída conscientemente e mediada ativamente, da memória social<sup>32</sup>. Tais mudanças em si sinalizam uma consistência profunda e real com o pensamento pós-modernistas: os conceitos arquivistas não são eles verdades universais a serem defendidas em todos os lugares e tempos como uma meta-narrativa sagrada mas, antes, conceitos em constante evolução e mutação pois refletem mudanças na natureza dos registros, organizações de criação de registros, sistemas de manutenção de registros, usos dos registros, e a sua ampla orientação cultural, legal, tecnológica, social e filosófica na sociedade. As ideias arquivísticas formadas num lugar e tempo refletem muitos desses fatores

<sup>32</sup> Sobre o último conceito de Derrida e suas implicações arquivistas, ver Ketelaar, “*Archivalisation and Archiving*,” *Archives and Manuscripts*.

externos, ideias que são frequentemente reconstruídas, até redescobertas em outro tempo lugar, ou reformuladas através de gerações no mesmo lugar<sup>33</sup>.

À luz de todas essas mudanças, o que o pós-modernismo significa na prática para o arquivista determinado a operar de forma mais expansiva, inclusiva, acolhedora em todas as atividades arquivistas? Como forma de ilustração, deixem-me sugerir três de muitas áreas possíveis para a prática arquivista pós-moderna: avaliação, descrição e responsabilidade arquivística. Antes de fazer isso, no entanto, é necessária uma advertência. Desconstrução, como um fluxo significativo de pensamento pós-moderno, “não se destina à prática ou à prática teórica, mas vive na persistente crise ou mal-estar do momento da técnica ou artesanato... Agir

<sup>33</sup> Acompanhando este artigo, eu sugeri como a visão do pensamento pós-moderno pode desta forma significativamente mudar os conceitos de procedência, ordem original, o registro, os fundos, os arquivos e “Ciência Arquivista”. Eu não vou repetir aquelas observações aqui. Ver Cook, “*Archival Science and Postmodernism*,” *Archival Science*. Desde outra perspectiva baseada numa análise da evolução histórica das ideias arquivistas, eu sugeri conclusões similares: ver Cook, “*What is Past is Prologue: A History of Archival Ideas*,” *Archivaria*. Para uma bela análise sobre a natureza (e o desvio) da teoria dentro de um contexto de arquivo, ver Mortensen, “*The Place of Theory in Archival Practice*,” *Archivaria*. Virtualmente todos os pensadores arquivistas citados na nota 14 também sugeriram novas formas de olhar sobre os preceitos tradicionais.

é, portanto, não ignorar a desconstrução, mas ativamente transgredi-la sem desistir”<sup>34</sup>. Esta afirmação não precisa ser a contradição que aparenta. Os arquivistas têm, é claro, antes agir que viver em questionamento contínuo, mas quando agirem, eles também não podem parar de questionar. Os arquivistas podem transgredir a desconstrução (p.e., ir além dos seus limites) quando decidam agir de diferentes formas baseados em tal questionamento inicial, mas esta ação só deve gerar mais perguntas num interminável renascimento do seu ofício. Os arquivistas devem sentir mais desconforto no “momento” em que tratam de bloquear suas ideias e práticas, baseados em respostas temporárias a perguntas, em orientações, padrões e diretivas. A menos que eles continuem a perseguir, como defensores de Saul, questionamentos contínuos para abrir os arquivos, eles irão trair mais do que meramente transgredir a desconstrução.

Voltando à avaliação como o primeiro exemplo prático de prática

<sup>34</sup> Gayatri Chakravorty Spivak, *Outside in the Teaching Machine* (Nova Iorque e Londres, 1993), p. 121 (de um intrigante capítulo titulado “*Feminism and Deconstruction, Again: Negotiations*”). Spivak oferece uma perspicaz leitura de Derrida sobre de estudos feministas e pós-colonialistas. Verne Harris gentilmente fez chegar o seu trabalho ao meu conhecimento.

arquivística pós-moderna, arquivistas avaliadores pós-modernistas devem perguntar a quem e o que eles estão excluindo da memorialização de arquivo, e por que, e então construir estratégias de avaliação, metodologias e critérios para corrigir a situação. A atribuição de valor de avaliação a registros estaria baseada na narratividade contextual encontrada dentro do processo de criação de registros em vez de estar no uso previsto do conteúdo temático do registro. A avaliação atenderia tanto cuidadosamente às vozes marginalizadas e até silenciadas quanto agora atende às vozes poderosas encontradas em registros institucionais oficiais. Isto pode ser feito até quando se avaliam os registros de poderosas entidades como o Estado (nos seus vários níveis de governo) ou empresas.

O modelo de macro-avaliação desenvolvido primeiro para avaliar os registros do Governo do Canadá, por exemplo, baseia a determinação do que manter e o que destruir, não nos ditames do Estado, como tradicionalmente se fazia, nem no cumprimento das últimas tendências de pesquisa histórica, como mais recentemente, mas em tratar de refletir os valores da sociedade através de uma análise funcional da interação do

cidadão com o Estado. Mas macro-avaliação é mais do que análise funcional, que é o que alguns observadores externos têm tirado do modelo canadense. A macro-avaliação centra-se na governança em vez de nas estruturas e funções do governo *per se*. A governança enfatiza o diálogo e a interação dos cidadãos e grupos com o Estado tanto quanto as políticas e procedimentos do próprio Estado; focaliza também documentar o impacto do Estado na sociedade e as funções da própria sociedade; abrange toda a mídia em vez de privilegiar textos escritos; procura narrativas múltiplas e pontos críticos de discursos controvertidos entre os cidadãos e o Estado, em vez de aceitar a linha política oficial; e busca deliberadamente dar voz aos marginalizados, aos “Outros”, a perdedores assim como a ganhadores, aos desvantajados e desprivilegiados assim como aos poderosos e articulados, o que é conseguido através de novas maneiras de ver arquivos e dados eletrônicos escolhendo o registro mais sucinto no melhor meio para documentar estas vozes diversas. Em resumo, o pós-modernismo avalia conscientemente a funcionalidade do governo e seus programas individuais que são eles

mesmos criados por cidadãos numa democracia e a documentação do nível de interação de cidadãos com o funcionamento do estado: como eles aceitam, rejeitam, protestam, apelam, mudam, modificam ou de outro modo influenciam estes programas funcionais estatais, e são por sua vez influenciados por eles. É claro, as decisões de avaliação do setor privado complementariam esta macro-avaliação do setor público dentro de um quadro de “arquivos totais” verdadeiramente integrados<sup>35</sup>.

A macro-avaliação não é um exercício politicamente correto, ou um vestígio da política de esquerda algumas vezes atribuída ao pós-modernismo. Os “marginalizados”, numa análise da macro-avaliação para algumas funções particulares, podem muito bem ser corporações de direita em vez de

<sup>35</sup> Em adição aos documentos internos nos Arquivos Nacionais do Canadá na teoria, estratégia e critérios de macro-avaliação, para os conceitos básicos e abordagens estratégicas, ver Terry Cook, *The Archival Appraisal of Records Containing Personal Information: A RAMP Study With Guidelines* (Paris, 1991); Terry Cook, “Mind Over Matter: Towards a New Theory of Archival Appraisal,” in *The Archival Imagination*; Terry Cook, “‘Many are called but few are chosen’: Appraisal Guidelines for Sampling and Selecting Case Files,” *Archivaria* 32 (Summer 1991), pp. 25–50; Richard Brown, “Macro-Appraisal Theory and the Context of the Public Records Creator,” *Archivaria* 40 (Outono de 1995), pp. 121–72; e Rick Brown, “Records Acquisition Strategy and Its Theoretical Foundation,” *Archivaria*.

sindicatos de esquerda, empreiteiros mais do que ambientalistas, o centro mais do que as regiões, homens mais do que mulheres, racistas mais do que reformadores. A questão é pesquisar em profundidade pelas vozes perdidas nas atividades funcionais humanas ou organizacionais sob estudo durante o processo de avaliação, de tal forma que os arquivos possam adquirir para seu patrimônio múltiplas vozes, e não apenas as vozes do poder. Uma nota de advertência é necessária aqui. É importante, como observa Verne Harris, não romantizar o marginalizado, ou sentir euforia por salvá-lo do seu esquecimento histórico: alguns não desejam ser “resgatados” por arquivos convencionais e alguns irão sentir que sua categorização por arquivistas como “marginalizados” somente irá marginalizá-los mais.<sup>36</sup> Tais dilemas morais devem incomodar, mas não paralisar os arquivistas: eles podem receber e respeitar o “outro”, e através da avaliação tratar de contar uma história o mais completa possível, “utilizando sistemas de registros e os sítios de criação de registros como matérias-

<sup>36</sup> Ver especialmente Verne Harris, “*Seeing (in) Blindness: South Africa, Archives and Passion for Justice*,” draft essay for presentation to New Zealand archivists, August 2001.

primas.” É claro, apesar da cuidadosa pesquisa de avaliação e do “vigoroso exercício da razão,” a avaliação arquivista pós-moderna sabe “que há outras narrativas, outras histórias que eles poderiam ter escolhido em seu lugar. E sua história... não tem fim. Porque a história foi arquivada; é o arquivo. E não há fechamento para o arquivo. Nas palavras de Jacques Derrida, ‘se abre para o futuro’”<sup>37</sup>. Se existem benefícios no modo canadense de diversidade, ambiguidade, tolerância, e identidades múltiplas que sustentam o estado pós-moderno de John Ralston Saul, então talvez a forma canadense paralela de lembrança arquivista através da macro-avaliação tenha peso nos ouvidos dos arquivistas neste novo século. Aqueles que desejem construir uma memória arquivista baseada na celebração das diferenças mais que em monólitos, narrativas múltiplas mais que tradicionais, tanto o pessoal e o local tanto quanto o empresarial e o oficial, podem encontrar na macro-avaliação várias perspectivas úteis e ferramentas práticas para a sua tarefa.

Tomando a descrição de arquivo como o segundo exemplo da aplicação prática do pós-modernismo, os arqui-

<sup>37</sup> Verne Harris, *Exploring Archives*, 2ª ed. (Pretoria, 2000), p. 45.



vistas questionariam o que é apresentado no instrumento de pesquisa para verificar se é um monólito e o que é suprimido e por que, e depois agiriam para corrigir a situação. Os arquivistas se engajariam abertamente com seus clientes e respeitariam as suas necessidades, em vez de forçá-los a aceitar meta-narrativas profissionais sobre como os registros deveriam ser descritos. A arquitetura descritiva baseada em torno dos *fonds* seria explodida para circunstâncias complexas de criação de registros institucionais, saindo de sua fixação plana, mono-hierárquica e estática num criador final para transformar-se em ligações contextuais muito mais ricas, multi-relacionais, de muitos para muitos. Como os arquivistas entendem melhor o complexo arranjo dos registros modernos e as culturas organizacionais (e pessoais) que os produzem, os sistemas descritivos pós-modernos deixariam o legado monolítico de teorias de arquivo passadas, “a antiquada abordagem “uma coisa, uma entrada” se eles têm a intenção de “satisfazer os pesquisadores de entender o contexto histórico dos registros, as atividades que os geraram e a informação que eles contêm”.<sup>38</sup> Graças às percepções pós-

<sup>38</sup> Terry Eastwood, “Putting the Parts of

modernistas, estes contextos e estas atividades podem ser muito mais complexas do que os arquivistas como profissão têm geralmente admitido. Na realidade arquivistas precisam da desconstrução do contexto que tentam descrever, lembrando que “está na natureza da desconstrução não somente ver o contexto mais amplo (aqueles traços, ou espectros, que remontam ao passado numa regressão infinita), mas também a fluidez, a flexibilidade, a definitiva natureza incontrolável do contexto”<sup>39</sup>. Os arquivistas pós-modernos ligariam suas descrições muito próximas dos relatórios de avaliação que justificam o porquê dos registros, agora sendo descritos, estarem nos arquivos em primeiro lugar, e esclareceriam a sua natureza incompleta como traços

---

*the Whole Together: Systematic Arrangement of Archives,*” *Archivaria* 50 (Outono de 2000), pp. 115–16. Sobre defesas anteriores da descrição de fundos virtuais ou múltiplas procedências, ver Terry Cook, “*The Concept of the Archival Fonds in the Post-Custodial Era,*” *Archivaria* 35 (Primavera de 1993), pp. 24–37; David Bearman, *Archival Methods* (Pittsburgh, 1989), capítulos 3, “*Arrangement and Description*” e 5, “*Intelligent Artifices: Structures for Intellectual Control,*” e “*Documenting Documentation,*” *Archivaria* 34 (Summer 1992), pp. 33–49; e Chris Hurley, “*What, If Anything, is a Function?*” *Archives and Manuscripts* 21, no. 2 (Novembro de 1993), pp. 208–21, “*Ambient Functions – Abandoned Children to Zoos,*” *Archivaria* 40 (Outono de 1995), pp. 21–39, e “*Problems with Provenance*”, *Archives and Manuscripts* 23, no. 2 (Novembro de 1995), pp. 234–59.

<sup>39</sup> Sim, *Derrida e o Fim da História*, p. 50.

sobreviventes de um universo documental mais amplo<sup>40</sup>.

Tal fluidez de relações descritivas e transparência no processo de arquivo não tem sido uma característica de como padrões descritivos foram implementados no Canadá, até recentemente, com raras exceções.<sup>41</sup> E não foi por falta de defensores de descrições mais amplas.<sup>42</sup> A teoria e prática de arquivo australiana

<sup>40</sup> Sobre o conhecimento contextual ligando arquivistas ganho por avaliação e descrição, ver Jean-Stéphien Piché, “*Doing What’s Possible with What We’ve Got: Using the World Wide Web to Integrate Archival Functions*,” *American Archivist* 61 (Primavera de 1998). Este artigo (baseado em protótipos reais nos Arquivos Nacionais do Canadá desenvolvidos pelo autor) respondeu ao tipo de pensamento “fora da caixa” defendido por Margaret Hedstrom no seu “*Descriptive Practices for Electronic Records: Deciding What is Essential and Imagining What is Possible*,” *Archivaria* 36 (Outono de 1993), pp. 53–63.

<sup>41</sup> Uma dessas exceções é a nova iniciativa descritiva dos Arquivos de Ontário: ver Bob Krawczyk, “*Cross Reference Heaven: The Abandonment of the Fonds as the Primary Level of Arrangement for Ontario Government Records*,” *Archivaria* 48 (Outono de 1999), pp. 131–52. Esta foi modelada no sistema australiano. Sobre uma introdução, ver os artigos de Chris Hurley na nota 38, assim como seu “*The Australian (‘Series’) System: An Exposition*,” in McKemmish e Piggott, eds., *Records Continuum*. Sobre uma exposição na colocação de tal complexidade em sistemas descritivos, ver Sue McKemmish et al., “*Describing Records in Context in the Continuum: The Australian Recordkeeping Metadata System*,” *Archivaria* 48 (Outono de 1999), pp. 3–43.

<sup>42</sup> Exemplos de tal defesa “funcional”, como citado por Jean-Stéphien Piché (in “*Doing What’s Possible with What We’ve Got*,” *American Archivist*, p. 122, n. 51), incluem David Bearman, Margaret Hedstrom, e Helen Samuels nos Estados Unidos e Tom Nesmith, Heather Mac-Neil, e Terry Cook no Canadá.

oferece há décadas essa arquitetura descritiva de contexto rico, na qual criadores múltiplos antes e depois e em paralelo ao “assentado” nos fundos são igualmente reconhecidos, assim como também as múltiplas funções das várias estruturas de criação, e todos estes se tornam elementos descritivos e, mais importante, pontos de recuperação para pesquisadores.<sup>43</sup> Os australianos poderiam protestar dizendo que explorar procedência em seus vários contextos funcionais-estruturais simplesmente faz sentido e não tem nada a ver com pós-modernismo, porém os resultados refletem e muito o espírito da ênfase pós-modernista nas várias formas de ver, e a sua visão do arquivo como dinâmico, virtual, e até em evolução. O sistema australiano é fundamentalmente a descrição da criação de registros e processos de manutenção de registros mais do que a descrição do produto registrado. A descrição pós-moderna refletiria de forma semelhante todas as sutilezas das novas práticas de macro-avaliação funcional-estrutural já mencionada, destacando nas descrições a natureza complexa da governança e da marginalidade encontrada (ou não) nos

<sup>43</sup> Ver notas 38 e 41.

registros que agora estão sendo descritos.

A descrição pós-moderna refletiria, em resumo, a pesquisa contextual sustentada pelo arquivista na história dos registros e seu(s) criador(es), e produziria descrições em constante mudança já que a criação de registros e a história de custódia em si nunca termina (como no momento da acessibilidade arquivística ou a criação de uma entrada de fundos). A descrição é continuamente reinventada, reconstruída, renascida<sup>44</sup>. A descrição pós-moderna focada desta forma na história dos registros, refletiria muito mais nuances de contexto, que por sua vez abririam um leque de informações sobre o conteúdo sem a necessidade de uma extensa indexação em nível de item. E tais possibilidades de prática descritiva pós-moderna podem muito bem provocar a reflexão sobre a historicidade do arquivista: quando essas opções descritivas ricas em contexto estavam disponíveis, porque foram rejeitadas pelos profissionais de arquivo

<sup>44</sup> Sobre o papel central da pesquisa sustentada por arquivistas no seu dia-a-dia de avaliação e descrição, ver Terry Cook, *"The Imperative of Challenging Absolutes in Graduate Archival Education Programs: Issues for Educators and the Profession,"* *American Archivist* 63 (Outono/Inverno de 2000), particularmente pp. 384–86.

no Canadá em favor de uma abordagem de descrição de catalogação bibliotecária? O que isto diz sobre a própria meta-narrativa da profissão arquivista para aquele tempo e lugar?

Isto me leva diretamente ao meu terceiro exemplo de prática de arquivo pós-modernista, e talvez a lição prática mais importante: os arquivistas como profissão seriam muito mais autor-reflexivos e transparentes sobre o que eles fazem. Como exemplos concretos, eu sugiro que, para registros governamentais e institucionais, os arquivistas deveriam considerar a colocação de entradas “negativas” em fundos e descrições de séries, mostrando assim aos pesquisadores todas as séries, em todas as mídias, de todos os locais, que os arquivos não adquiriram a partir de um determinado criador de registros, juntamente com aqueles que sim o fizeram. Para o setor privado ou arquivos temáticos, a questão se expande ao porquê de alguns criadores terem sido escolhidos e outros não; os arquivistas deveriam criar listas em tais arquivos de todos os possíveis indivíduos, grupos e associações que se enquadrem no mandato de aquisição de suas instituições, em contraste com a muito menor lista desses fundos avaliados

como arquivo e realmente adquiridos. Para os criadores de registros tanto institucionais como pessoais, o arquivista deveria então explicar o seguinte: porque essa escolha foi feita; quais critérios de avaliação foram usados; em quais conceitos de avaliação ou significância foram baseados; quais metodologias foram empregadas; e quais valores pessoais do arquivista foram refletidos nas decisões tomadas. Se o pós-modernismo chama a atenção para os marginalizados, o que poderia ser mais marginalizado num arquivo que o não-arquivo que os arquivistas autorizaram a destruição ou pelo menos decidiram não adquirir?

Para que estas decisões fiquem claras para os pesquisadores, os arquivistas deveriam ligar todas as descrições de séries aos relatórios de macro-avaliação originais (e agora mais completos e inclusivos), reconhecendo que algumas séries abertas de longa data podem ser adquiridas ao longo de várias décadas com base em diferentes critérios de avaliação implementados por diferentes arquivistas. Eu acredito que arquivistas avaliadores deveriam estar eles mesmos documentados formalmente e vinculados a esses mesmos relatórios de avaliação e entradas descritivas, com

um *curriculum vitae* completo colocado em arquivos acessíveis, complementado por detalhes autobiográficos dos valores que eles usaram na avaliação e que refletiram na descrição. Todas estas novas transparências estariam refletidas, ou vinculadas, às ferramentas descritivas formais que o arquivista pós-moderno coloca à disposição dos seus diversos públicos. A profissão prega os méritos da responsabilidade através de bons registros para qualquer pessoa que quiser ouvir; quão dispostos estão os arquivistas responsáveis a manter bons registros sobre o que eles fazem e tornar esses registros disponíveis?

Infelizmente, este tipo de transparência do processo não tem sido a norma arquivista. Os pesquisadores somente veem um universo pré-definido e monolítico – pré-definido particularmente pelo arquivista. O que eles veem é o que eles têm. Eles não veem o que os arquivistas viram antes que as decisões de avaliação foram feitas para dar aos pesquisadores o que eles recebem, como também não entendem as premissas subjacentes de como os arquivistas descreveram o que eles agora estão vendo nas ferramentas descritivas que apresentam os resultados dessa avaliação e arranjos subsequentes. Naquelas pou-

cas ocasiões em que a tampa da panela fervente e levantada de leve, como na destruição no Canadá dos registros e avaliações nazistas, a avaliação dos expedientes dos processos nos Estados Unidos pelo FBI ou a atual reavaliação de todo o patrimônio dos Arquivos Nacionais da Austrália, está muito claro que até a porção educada do público e da mídia têm uma ideia muito pequena do que os arquivistas fazem. Com certeza não gostam do pouco que aprendem desses casos.

Os arquivistas pós-modernos buscam mudar isto. Eles (ou elas), sem dúvida, aceitariam celebrar que “o arquivo, para desconstrução, não é um refúgio calmo para profissionais, acadêmicos e artesãos. É uma prova severa da experiência humana. Um campo de batalha para sentido e significado. Uma babel de histórias. Um lugar e um espaço de complexos jogos de poder em constante mutação. Aqui você não pode manter as mãos limpas. Aqui as próprias noções de profissão e erudição e ofício têm que ser reimaginadas”<sup>45</sup>. Aqui, então, está o renascimento profissional.

<sup>45</sup> Harris, “*Seeing (in) Blindness: South Africa, Archives and Passion for Justice*,” p. 11 (mss).

\*\*\*\*\*

Tom Nesmith sugeriu há muito tempo que os registros individual e coletivamente têm uma história, antes e depois de atravessar o limiar arquivístico<sup>46</sup>. Uma significativa parte dessa história reflete a intervenção pelo arquivista e, por trás disto, premissas, conceitos e processos profissionais – a própria meta-narrativa da profissão. Esta história do registro é um processo sem fim, dinâmico, o arquivo sendo sempre renascido, reimaginado, reinventado, mesmo no caso de registros que têm muito tempo nos arquivos. Bob Dylan disse numa música que “Ele não está ocupado nascendo / Está ocupado morrendo”,<sup>47</sup> o mesmo aplica-se para os arquivos, os registros e para o arquivista pós-moderno.

<sup>46</sup> Tom Nesmith, “*Archives from the Bottom Up: Social History and Archival Scholarship*,” in Tom Nesmith, ed., *Canadian Archival Studies and the Rediscovery of Provenance* (Metuchen, NJ e Londres, 1993), publicado originalmente em 1982, onde Nesmith premonitoriamente definiu tal sabedoria arquivística focando principalmente na história do registro em todo o seu rico contexto e em toda sua continuidade de existência.

<sup>47</sup> “*It’s Alright, Ma (I’m Only Bleeding)*,” *Bringing It All Back Home* (1965), letra e música por Bob Dylan, direitos autorais de Bob Dylan e Columbia Records, citado sob disposições relativas legais.

[Nota do Revisor] Esta é uma tradução literal do texto “*Fashionable Nonsense or Professional Rebirth: Postmodernism and the Practice of Archives*” promovida pela Associação dos Arquivistas do Estado do Rio de Janeiro - AAERJ, por intermédio do periódico *Informação Arquivística*. Todos os direitos são reservados à *Archivaria*, Revista da Associação de Arquivistas Canadenses, que gentilmente cedeu os direitos de tradução e publicação no Brasil.

Mais uma vez, cientes do desafio que é traduzir um texto de sentido e significado complexos optou-se, diferentemente da primeira etapa de publicação dos estudos do Professor Cook, pela tradução literal, no entanto, tomou-se o cuidado de não tentar mudar o sentido e contexto dos termos aplicados pelo autor, considerando a tradição arquivística na qual se insere. Deixa-se para o leitor atento e interessado as eventuais interpretações, observação das diferenças de emprego e de sentido entre a Arquivologia brasileira e a Norte Americana.

Cabe ressaltar a dificuldade de traduzir, sem macular, os termos *Records* e *Archives*, coisas diferentes para a tradição Norte Americana, mas que para a Arquivologia brasileira, influenciada pela tradição europeia, são um todo contínuo.

Sobre este aspecto, alertamos que o termo *Records* foi traduzido, literalmente, como registros, e *Archives* como Arquivos. Desta forma, fica para o leitor a tarefa de tentar entendê-los na amplitude de seus termos através de leitura complementar comparativa entre essas duas tradições arquivísticas.

Por fim, nosso agradecimento especial ao Professor Terry Cook, à *Archivaria* e

à Associação de Arquivistas Canadenses

**Para acessar o texto original:**

<<http://journals.sfu.ca/archivar/index.php/archivaria/article/view/12792/13989>>

**Tradutor:** Rivera Lisando Guianze

**Supervisão e Revisão científica:**  
Conselho Editorial – Informação Arquivística